



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Em 1981, associou-se a Candango Promoções Artísticas, através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que, há mais de duas décadas, cria campanhas publicitárias premiadas e consolida marcas fortes no mercado.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

DESDE O PRIMEIRO JOGO JÁ HAVIA UMA DESCONFIANÇA NA QUALIDADE DA SELEÇÃO CANARINHO.



O "MINEIRATZEN" É UM ROMBO NO ORGULHO DA "PÁTRIA DE CHUTEIRAS".



SEGUNDO AN-TÔNIO PRATA, "A FRATURA NA VÉRTEBRA DO MAIOR CRAQUE PARECE UMA IMAGEM SOB MEDIDA PARA A SELEÇÃO".



PARA TOSTÃO, "É PRECISO DIMINUIR A PROMÍSCUA TROCA DE FAVORES, UMA PRAGA NACIONAL, QUE ASSOLA O FUTEBOL E O PAÍS".



Cláudia

Fontes: jornal O Globo, 9/7/2014; jornal Folha de São Paulo, 9/7/2014; jornal Correio Braziliense, 9/7/2014; jornal O Estado de São Paulo, 9/7/2014.

APOSTA NA SORTE A euforia acabou. Restaram os apetrechos verde e amarelo jogados num canto, cheios de tristeza. Fazer o quê, né? Afinal, desde o primeiro jogo, contra a Croácia, já havia uma desconfiança na qualidade da seleção canarinho. Mas a vontade de ganhar e a crença no melhor futebol do mundo alimentavam o desejo de vitória. E assim, a cada partida, mais do que a certeza da capacidade do nosso time, apostávamos na sorte, confiávamos nas nossas mandingas, invocávamos os nossos santos e, com eles, passamos de raspão nas primeiras provas, até ficarmos frente a frente com a Alemanha, na semifinal.

PERDEU A BOLA Aí a vaca foi pro brejo. Sem ritmo, sem graça e sem raça, a seleção canarinho perdeu a bola, perdeu o rumo, perdeu o tom. Correu sem sucesso atrás da pelota que preferiu o toque certo, os passes harmoniosos e os chutes precisos da seleção alemã. E foi assim, logo nos primeiros minutos da partida, que o time de Joachim Löw fez o primeiro gol e gostou. Daí para frente foram mais quatro no primeiro tempo e outros dois no segundo. Uma goleada de 7 x 1 que desnortou os meninos de Felipe e tingiu de tristeza a torcida verde e amarela.

MINEIRATZEN Se o "maracanazo" é uma mancha na história do futebol brasileiro, o "mineiratzen" é um rombo no orgulho da "pátria de chuteiras". As manchetes do dia seguinte estamparam o espanto nacional. "Humilhação em casa", escreveu o Estado de São Paulo; "Seleção sofre a pior derrota da história", disse a Folha de São Paulo; "Vergonha, vexame, humilhação", mandou ver O Globo; "Um vexame para a eternidade", apontou o Correio Braziliense.

HUMILHAÇÃO A perplexidade se transformou em páginas de dor e acusações. O jornal Folha de São Paulo escreveu: "(...) Pela segunda vez na história, o Brasil perdeu a chance de se tornar campeão mundial de futebol em seu território. Se em 1950 a derrota teve contornos de tragédia, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação (...) Prostrado diante da Alemanha, o time de Luiz Felipe Scolari sofreu a maior goleada do futebol brasileiro em 84 anos de participações em Copas do Mundo".

TRAGÉDIA Em sua coluna, o campeão mundial, Tostão, alertou: "(...) Foi uma tragédia. Triste, muito triste, a maior derrota de toda a história da seleção brasileira. De consolo, quem sabe, sirva para que haja grandes mudanças, para valer, dentro e fora de campo, desde as categorias de base. É preciso haver uma mudança de conceitos e diminuir a promíscua troca de favores, uma praga nacional, que assola o futebol e o país".

PRIORIDADE INVERTIDA Segundo Juca Kfoury, "(...) Nós, brasileiros, que detestamos a prudência dos três volantes, regredimos tanto no futebol de fantasia que já foi jogado por aqui que invertemos as prioridades. Se o cartola da CBF falou em ir para o inferno em caso de derrota, esperemos que ele de lá não volte e que os que ficarem por aqui entendam que a derrota tem de servir para fazer desta merecida lição a base para novos tempos como os alemães fizeram depois da Copa deles, em 2006, no saneamento das finanças dos clubes, na presença dos torcedores nos estádios, na execução do jogo limpo e bonito e na punição dos corruptos, porque corruptos também há por lá, mas punidos sempre que pegos, como aconteceu com o presidente do Bayern Munique".

GARRA X TÁTICA Para o escritor Antonio Prata, "(...) O futebol é um negócio engraçado (...) Nessa tenebrosa semifinal, queríamos provar que a garra era mais forte que a tática. Que o brado "à capela" batia uma orquestra afinada. Provou-se o contrário. (...) No fim, a fratura na vértebra do maior craque parece uma imagem sob medida para a seleção, uma seleção à qual faltava uma coluna vertebral e que, mesmo assim, acreditamos que seria capaz de levantar e andar, movida pelo exoesqueleto do delírio nacional".

VERGONHA Na visão de Fernando Calazans, "(...) O futebol brasileiro, pentacampeão do mundo, os donos dos cinco títulos, não mereciam isso. Não mereciam passar por essa vergonha. Uma tragédia muito maior do que a vivida no Maracanã na Copa de 1950. (...) O futebol brasileiro precisa ser reformulado, a começar por essa CBF, que não se dá ao trabalho de estudar, aprender, discutir, se informar, se atualizar com o futebol que corre o mundo. Não será com essas reeleições na CBF que isso se realizará".

CÓDIGO BRASILEIRO É isso aí! O Brasil não merecia isso. Afinal, como diz o antropólogo Roberto DaMatta, "(...) o futebol é um código comum que une os brasileiros (...) porque foi através do futebol que acreditamos que era possível fazer a virada da modernidade, da democracia, da igualdade, da obediência às regras, da clareza das regras. Todo mundo no Brasil é capaz de discutir futebol".